

**A IDENTIFICAÇÃO DE ARTEFATOS CULTURAIS  
NOS LIVROS EM LÍNGUA PORTUGUESA DO  
AUTOR SURDO CLAUDIO MOURÃO:  
UMA REFLEXÃO SOBRE A RELAÇÃO  
LÍNGUA, CULTURA E LITERATURA**

**THE IDENTIFICATION OF CULTURAL ARTICLES IN  
BOOKS IN PORTUGUESE LANGUAGE BY DEAF AUTHOR  
CLAUDIO MOURÃO: A REFLECTION ON THE LANGUAGE,  
CULTURE AND LITERATURE RELATIONSHIP**

**Francyllayans Karla da Silva Fernandes<sup>1</sup>**

Universidade Federal da Paraíba  
UFPB/ Campus João Pessoa

**Janaína Aguiar Peixoto<sup>2</sup>**

Universidade Federal da Paraíba  
UFPB/ Campus João Pessoa

**Resumo:** A presente pesquisa parte dos nove artefatos culturais das autoras Strobel (2008) e Peixoto (2018) para realização de uma análise comparativa das obras *A Fábula da Arca de Noé* e *As Luvas Mágicas do Papai Noel* do autor surdo Claudio Mourão. Sendo uma obra adaptada e a outra criada, ambas estão escritas em língua portuguesa. Nesse sentido, propõe-se uma reflexão acerca da importância das Literaturas Visuais para o desenvolvimento e fortalecimento da identidade, cultura e língua do surdo, pois, mesmo com a existência de Leis como a N° 10.436 de 2002 e o Decreto N° 5.626 de 2005 que possibilitam ao surdo o reconhecimento de sua diferença linguística, identitária e cultural, o contato com as Literaturas Visuais fica restrito aos espaços distantes da escola. Nesses termos, o objetivo da pesquisa é analisar, de maneira comparativa, a importância da inserção dos artefatos culturais na Literatura Surda, uma vez que a presença desses artefatos culturais nas obras literárias pode favorecer o desenvolvimento da língua, identidade e cultura do surdo, já que ele irá interagir com elementos próprios da sua comunidade linguística. Com isso, foi possível verificar que as duas Literaturas Surdas apresentam alguns dos artefatos culturais, estando os artefatos Linguístico e Familiar presentes nas duas obras analisadas. Tal fato nos leva à compreensão da importância da língua e da família do surdo para o fortalecimento da identidade e cultura desses sujeitos

**Palavras chave:** Literatura Surda. Artefatos culturais. Língua.

---

1 Mestra em Educação pelo PPGE/UFPB, docente atuante no Centro Universitário de João Pessoa-UNIPÊ, aluna da especialização em Ensino de Língua Portuguesa como segunda língua para Surdos, graduada em Pedagogia pela UEPB, Letras-Libras pela UFPB e Psicologia pelo UNIPÊ.

2 Doutora em Letras pelo PPGL/UFPB, lotada no Departamento de Línguas de Sinais – DLS/CCHLA/UFPB, docente atuante no Programa de Pós Graduação em Letras da UFPB e no curso de especialização em Ensino de Língua Portuguesa como Segunda Língua para Surdos do IFPB.

**Abstract:** This research is based on the nine cultural artifacts of the authors Strobel (2008) and Peixoto (2018) to perform a comparative analysis of the works: *A Fábula da Arca de Noé* and *As Luvas Mágicas do Papai Noel*, by the deaf author Claudio Mourão, one work adapted and the other created, both written in Portuguese. In this sense, we propose a reflection on the importance of visual literature for the development and strengthening of identity, culture and language of the deaf, because even with the existence of laws such as Law No. 10.436 of 2002 and Decree No. 5.626 of 2005, which enable the deaf to recognize their linguistic difference, identity and culture, contact with the visual literature is restricted to isolated spaces, far from school. In these terms, the objective of this research is to analyze in a comparative manner the importance of the insertion of cultural artifacts in Deaf Literature, since the presence of these cultural artifacts in literary works may favor the development of language, identity and culture of the deaf, because he will interact with elements of his own linguistic community. Thus, it was possible to verify that both Deaf Literatures present some of the cultural artifacts, however the Linguistic and Family cultural artifacts are present in both works analyzed, which leads us to understand the importance of language and family of the deaf to strengthen the identity and culture of these subjects.

**Keywords:** Deaf literature; Cultural artifacts; Language.

## 1. INTRODUÇÃO

No campo educacional, a pessoa com deficiência passou por quatro eras segundo Sasaki (2011), sendo a exclusão, da Antiguidade até o século XX, a primeira delas. No período da exclusão, as pessoas com deficiência eram marginalizadas, rejeitadas ou mortas. Em culturas como a de Roma, por exemplo, os pais tinham o direito de matar seus filhos com deficiência logo após o nascimento para evitar o contato desses sujeitos com a sociedade (LEME; FONTES, 2017).

O segundo período foi o da segregação (1920-1940) que propôs uma nova forma de enxergar o outro, redefinindo alguns direitos e deveres sociais. No entanto, para isso, partia-se da perspectiva de cura/milagre para aqueles que escolhiam se aproximar de Deus, sendo a deficiência, portanto, entendida como um castigo divino. Além disso, todo atendimento prestado a essas pessoas era de cunho assistencialista, afastado da família em instituições religiosas e filantrópicas (FRANÇA, 2014).

Nessa perspectiva, no período da segregação o desejo latente da sociedade era corrigir a falta/falha das pessoas com deficiência, o que gerou inúmeros prejuízos para essas pessoas, dentre os prejuízos a proibição da sinalização e obrigatoriedade da oralização. A língua de sinais era considerada falha e incompleta, por isso o surdo precisava buscar a reabilitação da fala (LULKIN, 2015).

Em oposição ao distanciamento das pessoas com deficiência dos demais sujeitos da sociedade, os movimentos sociais e as famílias das pessoas com deficiência passaram a lutar pela integração desses sujeitos e, entre 1950 e 1980 acontece a terceira era, a integração, na qual as pessoas com deficiência foram integradas a sociedade e passaram a fazer parte das escolas regulares, frequentando as classes especiais (MENDES, 2006).

Os principais avanços para as pessoas com deficiência se deram a partir do século XX, com o advento da política inclusiva, que se caracteriza como a quarta era, com uma nova roupagem ao cenário educacional, que aponta o direito de conviver e interagir em sociedade defendendo o seu espaço. Assim, as pessoas com deficiência foram incluídas nas salas regulares, os surdos conquistaram o direito a utilização de sua língua e a diversidade passou a ser debatida nas escolas.

No modelo político educacional inclusivo, as escolas são compostas pela diversidade, pois as pessoas com deficiência possuem o direito legal de estarem incluídas na rede regular de ensino. Isso é o que determina a Constituição Federal de 1988, em seu art. 205, e a Resolução do Conselho Nacional de Educação da Câmara de Educação Básica (CNE/CEB), nº 2/2001. Tais documentos afirmam que as escolas do ensino regular devem matricular todos os alunos em suas classes comuns com os apoios necessários (BRASIL, 1988; 2001).

Porém, a experiência do povo surdo com a inclusão escolar ressaltava a diferença linguística e cultural deles, visto que as adaptações feitas no ambiente escolar não atendiam à necessidade linguística da comunidade surda em específico (BISOL; VALENTINI, 2011). A Lei de Diretrizes e Bases da Educação / LDB (1996) afirma, em seu art. 58, que, preferencialmente, os alunos com deficiência devem ser incluídos nas salas regulares (BRASIL, 1996). Assim, com o cumprimento dos referidos documentos legais, os surdos passaram a ter assegurado o direito de frequentar o ambiente escolar e receber o apoio necessário para que a inclusão fosse efetivada, inclusive utilizando a língua de sinais e os outros recursos associados a ela.

Entretanto, para que a inclusão do surdo aconteça, é necessário que ele faça parte de todo o ambiente escolar e não apenas da sala de aula, utilizando sua língua como forma de comunicação e aprendizagem sem ficar à mercê do intérprete (SILVA, 2014). Nesse sentido, é importante destacar que as atividades desenvolvidas em sala necessitam de adaptações e/ou adequações, pois, como afirma Stumpf (2008, p.24), “não se pode falar em inclusão se não são oferecidas as condições necessárias”.

No contexto de inclusão, a diferença linguística do surdo no ambiente escolar tem sido um desafio para os professores, visto que nosso modelo de sociedade está baseado na maioria, ou seja, naquilo que apresentamos de igual aos demais. Desse modo, o surdo, por ser linguisticamente diferente, sofre com a falta de utilização das produções literárias da sua comunidade na sala de aula, ou seja, aquilo que é produzido pelo sujeito surdo no campo literário não faz parte do seu processo educacional inclusivo.

Destacar as produções literárias do surdo dentro do ambiente escolar inclusivo é necessário, já que a escola ocupa um papel formativo na vida dos indivíduos. A escola precisa dar ênfase às produções culturais do povo surdo, uma vez que esses materiais revelam a língua, cultura e identidade da comunidade surda. Sendo assim, as produções literárias podem ser consideradas como forma de difusão de uma cultura que até pouco tempo era tida como inexistente por ser desconhecida.

Seguidora da base teórica dos estudos culturais fundamentados em Hall (2003), a autora Strobel (2008) reproduz essas reflexões do âmbito cultural ao realizar uma aplicação nos estudos surdos. De acordo com essa autora, “a cultura não vem pronta, daí porque ela

sempre se modifica e se atualiza” (Strobel, 2008, p. 20). Assim, o surdo precisa de contato com outros sujeitos surdos e também com as produções literárias do povo surdo para que possa adquirir sua língua, costumes, cultura e identidade. Por entender o povo surdo formado por indivíduos essencialmente culturais, Strobel (2008) pontua oito artefatos culturais e, partindo do conceito de cultura surda de Strobel (2008), no campo das crenças, Peixoto (2018) acrescenta o nono artefato cultural, o religioso.

Um dos recursos pouco utilizados no ambiente escolar inclusivo (mas de extrema importância para a comunidade surda) são os artefatos culturais que deveriam ser inseridos em diversas disciplinas e trabalhados dentro da escola inclusiva, promovendo o conhecimento mútuo dos sujeitos envolvidos no modelo inclusivo, bem como o favorecimento do desenvolvimento e da valorização dos elementos identitários, linguísticos e culturais da pessoa surda.

Em sua grande maioria, as obras literárias produzidas ou adaptadas apresentam parte dos artefatos culturais, por isso é de suma importância analisar quais as literaturas que trazem, de maneira mais marcante, esses artefatos para que eles sejam trabalhados com os alunos surdos no processo de aquisição de suas duas línguas. Desse modo, é perceptível que o processo de aquisição das línguas pelo surdo ainda é muito restrito e necessita de mudanças práticas para favorecer o desenvolvimento linguístico do surdo enquanto sujeito social que tem seu direito linguístico assegurado pela Lei Nº: 10.436/02 e pelo Decreto Nº: 5.626/05.

Por isso, pretende-se analisar, de maneira comparativa, dois livros registrados em língua portuguesa do autor surdo Cláudio Mourão a fim de dialogar acerca da relevância dos artefatos culturais presentes nas obras para o processo de ensino e aprendizagem do surdo, visto que, mesmo incluídos na rede regular, os surdos precisam fortalecer sua identidade e cultura, o que só é possível através de sua língua.

O autor Cláudio Mourão é surdo, poeta, escritor, Doutor em Educação e tem como foco de estudo os Estudos Culturais em Educação, com participação ativa em projetos que dialogam sobre a cultura do surdo. Ele é autor dos livros: *As Luvas Mágicas do Papai Noel*, com co-autoria de Alessandra Klein (2012); *A Fábula da Arca de Noé* (2013).

Para aprofundamento no tema, levanta-se a hipótese de que os artefatos culturais presentes na literatura surda baseiam e fortalecem a apropriação cultural do surdo. Nesse ínterim, como objetivo geral, o presente estudo apresenta a análise comparativa da importância da presença dos nove artefatos culturais nas literaturas *A arca de Noé* e *As Luvas Mágicas do Papai Noel*. Para tanto, tem-se, como objetivos específicos, a investigação da presença de nove artefatos culturais nas duas literaturas citadas, a compreensão da relação dos artefatos culturais presentes na literatura surda com a apropriação cultural do surdo e, por fim, a reflexão acerca da importância dessas literaturas surdas registradas em Língua Portuguesa para um contexto educacional pautado na filosofia bilíngue.

A pesquisa é de caráter exploratório cuja finalidade é a maior familiaridade com o problema (GIL, 2018). Além disso, caracteriza-se, também, como documental, uma vez que serão analisadas duas obras literárias do autor surdo Claudio Mourão, tendo como foco a identificação dos artefatos culturais presentes nas obras.

O instrumento será um Checklist construído com base nos artefatos culturais que serão encontrados nas obras estudadas e os dados serão analisados de maneira qualitativa, estabelecendo relação entre os artefatos identificados e sua relevância com base nos estudos culturais aplicados aos estudos surdos.

## **2. A importância dos artefatos culturais**

A palavra “cultura” tem muitos significados, mas quando se estabelece relação entre a cultura e as pessoas surdas, entende-se que a cultura está ligada às vivências linguísticas e às experiências visuais dos surdos, o que influencia, inclusive, na forma dos surdos aprenderem. Partindo da perspectiva dos Estudos Culturais, Strobel (2008, p.18) afirma que a cultura é “uma ferramenta de transmissão, de percepção da forma de ver diferente, não mais de homogeneidade, mas de vida social constituída de modos de ser, de compreender e de explicar”. Assim, a cultura não é apenas o que o surdo aprende na sua comunidade, mas é um modo de entender o mundo considerando outros aspectos.

Para Fernandes, Alves e Stumpf (2020), no que concerne à cultura surda, a língua de sinais é o instrumento de maior transmissão cultural que, por ser natural ao povo surdo, favorece o desenvolvimento cognitivo desses sujeitos. Desse modo, a cultura surda é definida, também, como:

Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de se torná-lo acessível e habitável ajustando-os com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das ‘almas’ das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as idéias, as crenças, os costumes e os hábitos de povo surdo. (STROBEL, 2008, p.22)

Dessa maneira, ao longo dos tempos, os surdos foram desenvolvendo sua cultura própria e transmitindo essa produção cultural em diversos espaços, principalmente através do contato linguístico com seus pares. A cultura e a identidade linguística do surdo são diferentes da comunidade ouvinte, visto que o canal utilizado para entender e se relacionar com o mundo é diferente. Conforme define Fernandes (2003), as línguas podem ser orais-auditivas e/ou espaço-visuais, por isso o desenvolvimento linguístico do surdo é também um desenvolvimento cultural, já que língua e cultura estão diretamente relacionadas.

A cultura é a base de instrução de um povo e é perpassada não só através do diálogo, mas, também, em seus registros literários, sendo a transmissão desses textos escritos/sinalizados aquilo que possibilita a apropriação dos elementos que compõem a cultura de um povo e viabiliza a formação de conceitos e representação da realidade. De acordo com Hall (2003, p.43), “A cultura não é uma questão de ser, mas de se tornar”. Assim, é no contato linguístico com seus pares que o surdo se apropria de sua cultura, e é na experiência com a língua de sinais que o sujeito se enxerga como surdo (BISOL E SPERB, 2010).

Essa visão de diferença linguística é a base da concepção socioantropológica da pessoa surda, a qual acredita no compartilhamento de vivências e experiências entre o povo surdo que está unido por um mesmo ideal: poder compreender o mundo através de sua própria língua. Isso não significa dizer que o surdo deseja uma vida isolada ou

distante dos ouvintes, mas que é na relação com os seus pares linguísticos que sua cultura e identidade se fortifica:

Não quer dizer que o povo surdo se isola da comunidade ouvinte, o que estamos explicando é que os sujeitos surdos, quando se identificam com a comunidade surda, estão mais motivados a valorizar a sua condição cultural e, assim, passam a respirar com mais orgulho e autoconfiantes na sua construção de identidade e ingressam em uma relação intercultural, iniciando uma caminhada sendo respeitado como sujeito “diferente” e não como deficiente. (STROBEL, 2008, p. 33)

É assim que a identidade surda vai sendo constituída: parte-se do sentimento de pertencimento sem que ocorra um choque cultural antes que aconteça a constituição da identidade surda no surdo. Para compreender com profundidade a identidade do surdo e a comunidade surda, é importante lembrar o processo de lutas que antecederam todas essas conquistas, desde o respeito ao uso da Libras nos mais variados espaços sociais até o reconhecimento da pessoa surda enquanto indivíduo que age socialmente e possui todas as condições cognitivas para participar efetivamente do processo de ensino e aprendizagem.

Através do avanço nos estudos da língua de sinais e da utilização das novas tecnologias, os surdos estão conseguindo dar visibilidade e durabilidade às suas produções por meio de registros em vídeos e na modalidade escrita, tanto no sistema Sing Writing, quanto em língua portuguesa. Segundo Fernandes, Alves e Stumpf (2020), é importante que o surdo tenha contato com a escrita de sinais para que ocorra o desenvolvimento do pensamento superior complexo, cognitivo, cultural, linguístico e social.

Segundo Strobel (2008), os artefatos culturais não são apenas produções materiais de uma cultura, mas consistem nas manifestações culturais, produções palpáveis e não palpáveis que expressam sua forma de ver, entender e transformar o mundo do qual ele se apropria para seu desenvolvimento cognitivo, cultural e de sua identidade. Portanto, essas produções culturais, denominadas de artefatos culturais, são: *experiência visual, linguístico, familiar, literatura surda, artes visuais, vida social e esportiva, político e materiais*. Dentro dessa perspectiva, Peixoto (2018) acrescentou o artefato cultural *religioso*, tendo-se, pois, nove artefatos culturais.

No que concerne ao artefato linguístico, Almeida (p. 16, 2015) afirma que “a língua de sinais é um artefato cultural carregado de significação social, sendo assim uma das especificidades mais importantes da manifestação e produção da cultura surda”. Então, a escola, através da utilização de recursos bilíngues, pode favorecer o desenvolvimento desses sujeitos em suas duas línguas.

O artefato da experiência visual revela a capacidade de percepção do surdo por meio da visão que influencia na maneira de ser, de se expressar e de conhecer o mundo, uma vez que as percepções visuais do surdo sobre o mundo provocam reflexões acerca de suas subjetividades. É por esse motivo que as expressões faciais e corporais são tão importantes no ato da sinalização, já que possibilita ao surdo a compressão do tipo de frase (afirmativa, negativa, exclamativa, interrogativa), a entonação da voz, entre outros elementos (STROBEL, 2008).



O artefato cultural familiar sinaliza o debate ainda latente acerca dos entraves existentes sobre a influência da visão clínica para a escolha de qual língua a criança surda será inicialmente exposta, principalmente com pais ouvintes, que, em sua maioria, optam inicialmente pela reabilitação oral atendendo aos conselhos de profissionais da saúde que acreditam na interferência da língua de sinais para o processo de aquisição da língua portuguesa (PEIXOTO, 2018).

Em se tratando das festas, competições, lazeres e associações, Strobel (2008) define esses acontecimentos como artefatos da vida social e esportiva do surdo. São esses eventos que promovem o contato entre surdo-surdo em situações informais, fazendo com que eles aproveitem para falar mais naturalmente sobre suas vivências. Através desse contato, surgem as demandas coletivas que estão presentes no artefato político para fortalecimento dos movimentos em busca dos seus direitos.

O artefato cultural material pode ser considerado como o “fruto” físico da interrelação de todos os artefatos, pois, para que os recursos promovam a acessibilidade linguística dos surdos, os recursos precisam ter como base de elaboração a língua de sinais, a percepção visual dos surdos e as suas produções literárias e artísticas pautadas em suas lutas políticas surgidas do contato entre os surdos (STROBEL, 2008).

Outro artefato cultural proposto por Strobel (2008) é a literatura surda. Essa literatura possui relação direta com a aquisição das línguas do surdo, uma vez que é feita para e pelo surdo, com elementos próprios a esta comunidade linguística, traduções escritas e sinalizadas, bem como criações e adaptações. Nesse sentido, o artefato cultural das artes visuais também representa a sintetização das emoções, das histórias e da subjetividade do povo surdo, tendo, por isso, relação direta com a literatura surda.

## **2.1. Foco no artefato: Literatura Surda**

A literatura surda não apresenta relatos de sinalização de histórias em Libras antes do século XX, pois não existiam formas de registro tão acessíveis como gravadores, webcam e outras tecnologias. Peixoto e Possebon (2018, p. 77-78) relatam que “Infelizmente, nossos antepassados não tiveram este privilégio que temos hoje de ver e rever quantas vezes for necessária uma obra em Língua de Sinais, seja ela na modalidade escrita ou na modalidade sinalizada.”

Quando um surdo fazia alguma poesia, ele se juntava a outros surdos e ensinava para que todos tivessem conhecimento da produção, bem como incentivava os demais a criarem suas histórias ou poesias. Dessa forma, a literatura surda se tornou mais evidente depois que a tecnologia se expandiu a partir do século XX, momento em que a comunidade surda passou a gravar vídeos de histórias surdas traduzidas, adaptadas e criadas e a difundir narrativas que foram, durante tantos anos, possivelmente criadas e perdidas sem a possibilidade do registro filmado ou escrito (STROBEL, 2009).

Aqui no Brasil, um dos pioneiros na Literatura surda é Nelson Pimenta que, em 1999, lançou produções poéticas em fita VHS com o título *Literatura em LSB*, a qual apresenta quatro poemas (de sua autoria), uma fábula e dois clássicos literários (PORTO, 2007). Sem dúvidas, esse foi um marco para comunidade surda, pois as produções de

Nelson Pimenta eram/são carregadas de elementos identitários próprios da cultura surda. Sobre a Literatura surda, Strobel (2008) afirma:

A literatura surda refere-se a várias experiências pessoais do povo surdo que, muitas vezes, expõem as dificuldades e ou vitórias das opressões ouvintes, de como se saem em diversas situações inesperadas, testemunhando as ações de grandes líderes e militantes surdos e sobre a valorização de suas identidades surdas. (STROBEL, 2008, p.46)

Com base na autora, é possível verificar que a literatura surda é construída tendo como base a cultura do povo surdo, ou seja, aquilo que eles trazem como experiência. Atualmente, a literatura surda é registrada com o objetivo de que os futuros surdos tenham acesso a essa cultura e, assim, se apropriem dos conhecimentos presentes nas poesias, histórias e piadas que são feitas pela comunidade surda, utilizando as características culturais e históricas do povo surdo como elemento principal dessas produções. Esses registros são feitos em vídeos de maneira sinalizada e/ou escritos, tanto na língua portuguesa quanto na Escrita da Língua de Sinais (ELS), no sistema Sing Writing.

Para Peixoto e Possebon (2018, p.78), “Este artefato cultural, denominado de literatura, retrata e recria a realidade de um povo, através de textos literários que se originam das relações humanas”. Percebe-se, então, que a literatura oportuniza ao surdo expressar suas inquietações e interpretações sobre o mundo.

Karnopp (2010) conceitua a literatura surda como sendo a produção de textos literários em sinais, que traduz a experiência visual e possibilita outras representações de surdos, levando em consideração as pessoas surdas como um grupo linguístico e cultural diferente. Esse tipo de literatura está relacionado à produção de histórias que trazem, em suas narrativas feitas pelos surdos, a língua de sinais, a identidade e a cultura surda.

Porto e Peixoto (2011) categorizam as literaturas da comunidade Surda do Brasil em três tipos:

Na atualidade, podemos considerar três tipos de produções literárias visuais. A primeira está relacionada à tradução para a língua de sinais dos textos literários escritos; a segunda é fruto de adaptações dos textos clássicos a realidade dos Surdos e por fim, o tipo que realmente representa o resgate da literatura Surda que é a produção de textos em prosa ou verso feitos por surdos.

Para as autoras, o termo Literatura Visual é o conceito mais amplo e engloba todas as categorias de produções literárias dessa comunidade linguística, mesmo quando a obra não foi criada ou traduzida pelo próprio surdo. Assim, a Literatura em Libras é a tradução de qualquer obra da comunidade ouvinte para Libras, na modalidade sinalizada ou escrita (ELS ou Sing Writing).

A Literatura Surda é as criações e/ou adaptações (sinalizadas ou escritas) produzidas por surdos com o intuito de apresentar elementos próprios da cultura do povo surdo. Para isso, ocorre, nas adaptações, o acréscimo de alguns elementos a fim de que a obra tenha relação com o público surdo. Já nas obras criadas, os autores, na maioria das vezes, produzem em sua língua natural e inspirados pela sua trajetória, compreensão de mundo e identidade.

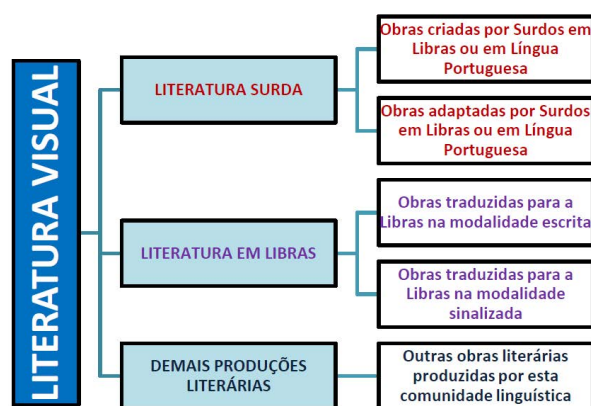


Dessa forma, a Literatura Visual compõe as adaptações, criações e traduções das obras literárias. As adaptações realizadas nas Literaturas Visuais são alterações feitas as narrativas já existentes para acrescentar elementos culturais e linguísticos com questões relativas a cultura e a língua da comunidade surda (MOURÃO, 2012).

As criações são as obras inéditas criadas pelo surdo em Libras ou na língua portuguesa, com suas histórias e experiências, tendo a cultura e a experiência do surdo em destaque. Já as traduções são as obras elaboradas na língua oral que passam a ser disponibilizadas em Libras sem o conteúdo da mesma seja alterado (MOURÃO, 2012).

Para se definir com mais clareza e de maneira didática a categorização da Literatura Visual, utiliza-se a ilustração de Peixoto (2020):

**Figura 1:** Categorização da Literatura Visual



FONTE: Peixoto (2020, p. 44)

Com base na categorização do conceito de Literatura Visual realizada pela autora Peixoto (2020), escolheu-se para análise duas obras de Literatura Surda escritas em língua portuguesa, sendo uma adaptada e uma criada por um autor surdo chamado Claudio Mourão: *A Fábula da Arca de Noé* e *As Luvras Mágicas do Papai Noel*. Os textos foram analisados levando em consideração os oito artefatos culturais do povo surdo elencados por Strobel (2008) e o nono pontuado por Peixoto (2018).

### 3. Análise das obras: A Fábula da Arca de Noé e As Luvras Mágicas do Papai Noel

Para análise das obras do autor surdo Claudio Mourão (*A Fábula da Arca de Noé* - 2015 e *As Luvras Mágicas do Papai Noel* - 2012), foram utilizados os oito artefatos culturais categorizados pela autora Karin Strobel (2008) em seu livro *As Imagens do Outro Sobre a Cultura Surda*, sendo eles: Experiência Visual; Linguístico; Familiar; Literatura Surda; Vida Social e Esportiva; Artes Visuais; Política e Materiais e o artefato Religioso acrescentado por Peixoto (2018).

As obras são escritas em língua portuguesa e possuem uma riqueza de informações visuais, sendo este um elemento importante para a compreensão da história por parte dos surdos. Segundo Strobel (2008, p. 39), “o sujeito surdo percebe o mundo através de seus olhos” e é dessa experiência visual que surge a cultura que é representada através da língua de sinais. Por isso, as duas obras possuem representações por imagem ou desenhos que representam sinais na Libras, mesmo registradas e publicadas em língua portuguesa.

### 3.2. A fábula da Arca de Noé

*A Fábula da Arca de Noé*, publicada em 2015, é uma obra bilíngue. Sua versão em língua portuguesa é acompanhada por um DVD que possui o registro da obra sinalizada pelo autor surdo Claudio Henrique Nunes Mourão. A fábula tem uma semelhança com a história bíblica da Arca de Noé, mas com uma sequência de acontecimentos bem diferentes, já que a Arca narrada na bíblia foi construída para salvar um povo em específico de um dilúvio e garantir a perpetuação do humano e dos animais.

Por outro lado, a fábula aqui analisada retrata a inauguração de uma grande Arca que o personagem Capitão Noé e sua família construíram para realizar a exposição de suas descobertas, pois ele adorava estudar coisas novas. Os visitantes não sabiam do que se tratava, mas, ao entrar na Arca, foram conhecendo, com ajuda do guia, o que havia em cada uma de suas salas e na exposição.

Nesse passeio, um dos personagens, o Dado, que era surdo, se perdeu pela Arca, passou por duas salas de exposição e teve medo dos ossos do dinossauro e do leão. Os seus pais ficaram muito preocupados com o sumiço do filho e falaram com o Capitão Noé para procurá-lo. O Capitão Noé encontrou Dado assistindo a uma palestra que tinha como tema *Geração surda: vivacidade evolução*, ministrada por um palestrante surdo, acompanhado de uma intérprete de Libras, cujo tema era a importância da língua de sinais. Logo depois foi assistir ao jacaré, que era ouvinte, trabalhava em uma escola de surdos e estava falando sobre a importância das patas e dos olhos na comunicação.

Depois de procurarem Dado por toda Arca, os pais o encontraram e falaram com ele em língua de sinais. Foi assim que o Capitão Noé entendeu que a Arca não estava preparada para receber todo mundo, tomando a decisão de fazer da Arca um lugar acessível e criar, com a ajuda de Dado, uma sala com os artefatos históricos e culturais dos animais surdos.

O primeiro artefato cultural é a Experiência Visual que, segundo Strobel (2008, p.38), faz os “sujeitos surdos perceberem o mundo de maneira diferente, a qual provoca reflexões de suas subjetividades”. Na fábula analisada, essa marca cultural fica nítida no personagem Dado que observava o ambiente para conseguir informações e realizar suas próprias interpretações, pois ele utiliza a visão para compreender o mundo. Isso ocorre quando Dado se depara com os ossos dos dinossauros e com o leão.

No campo da Experiência Visual, o toque no ombro de Dado, feito pelo Capitão Noé, representa, também, a experiência visual do povo surdo, pois na comunicação o encontro visual é de suma importância. Ainda tratando da Experiência Visual na fábula, o palestrante convidado, o jacaré, fala sobre a importância dos olhos para comunicação. Por fim, o Capitão Noé conta com a participação de Dado para transformar a Arca em um

ambiente acessível e Dado, através da Experiência Visual, insere informações visuais, ou seja, transforma aquele ambiente a seu favor.

O artefato Linguístico está presente em diversos momentos na fábula. Strobel (2008, p. 44) afirma que “a língua de sinais é uma das principais marca da identidade de um povo surdo, pois ela é umas das peculiaridades da cultura surda”. A primeira vez que a língua de sinais aparece na fábula é na marcação do mapa que se assemelha a uma sala de Libras.

Figura 2: Mapa da Arca



FONTE: Mourão (2014, p. 09)

No momento em que Dado foge da sala do leão, existe uma “marca” de sinalização. Na imagem das orelhas e da mão de Dado, aparecem aspas para marcar dois aspectos importantes da língua de sinais: a sinalização acrescida da expressão corporal.

Figura 3: Aspas nas orelhas e mão de Dado



FONTE: Mourão (2014, p. 13)

A palestra é um dos momentos em que a língua de sinais mais aparece. Inicialmente, quando o Capitão Noé fala com Dado e ele responde através da língua de sinais, logo aparece o palestrante sinalizando e o convidando com um quadro na mão, mostrando o alfabeto manual e falando sobre a importância das patas para a comunicação.

Ainda sobre a cena da palestra, os participantes dialogavam entre si através da língua de sinais, bem como faziam perguntas aos palestrantes utilizando a língua de sinais. Um fato muito importante é que Dado estava muito atento à palestra em Libras, o que confirma a importância do contato da criança surda com surdos adultos. Como propõe Strobel (2008, p. 45), “é importante que as crianças surdas convivam com pessoas surdas adultas em quem se identifiquem e ter acesso às informações e conhecimentos no seu cotidiano”. Assim, Dado tinha na palestra uma referência linguística.

A língua de sinais também aparece no momento do encontro dos pais com Dado e quando o Capitão Noé percebeu a falta de acessibilidade linguística da Arca. Por fim, o artefato linguístico aparece na placa que marcava o novo “perfil linguístico” da Arca, inclusive com elementos históricos como a placa contendo o nome de L’Epee que fundou, no ano de 1750, em Paris, o primeiro Instituto Nacional de “Surdos-mudos”, reconhecendo a língua de sinais, além de lutar pelos direitos civis dos surdos enquanto cidadãos (PRATES; PEIXOTO, 2018).

Infer-se aqui que a família de Dado era ouvinte e parte-se desse pressuposto porque, no momento em que seus pais os encontraram, o pai disse, em língua de sinais, que o ama e que havia entendido sobre a sala que tratava da língua de sinais. Esse fragmento da obra faz entender que Dado faz parte de uma família ouvinte e vive o isolamento linguístico dentro dela. Sobre o artefato cultural Familiar, Strobel (2008, p. 51) diz que “o problema encontrado para esses sujeitos surdos é a carência de diálogo, com famílias ouvintes”.

O artefato cultural Familiar revela a importância da relação da família ouvinte com o filho surdo através da língua de sinais, uma vez que é através dessa relação que o surdo conseguirá construir sua identidade, transmitindo e adquirindo conhecimentos, bem como expressando, com sua família, suas concepções acerca do mundo.

Ademais, a fábula apresenta o artefato cultural Político que Strobel (2008, p.71) define como os “diversos movimentos e lutas do povo surdo pelos seus direitos”. Dessa forma, a presença do intérprete de Libras na palestra da fábula é resultado de todo um processo de luta política para o reconhecimento da diferença linguística da pessoa surda, assim como a garantia da acessibilidade do surdo nos espaços sociais.

Ainda sobre o artefato cultural Político, a fábula da Arca de Noé abre espaço para o contato do surdo com a língua portuguesa escrita (a obra é produzida em português), o que faz parte da política bilíngue de educação do surdo, válida desde a sanção da Lei 10.436/02 e regulamentada pelo Decreto 5.626/05, que determina o ensino da língua portuguesa como segunda língua da pessoa surda na modalidade escrita.

Em tempo, vale destacar que a obra possui o artefato cultural Religioso que, segundo Possebon e Peixoto (2018), é “uma característica inerente do ser humano, o recorte da religiosidade, que abrange crenças, valores e práticas religiosas produzidas por sujeitos surdos”. Mesmo que a fábula da Arca de Noé não apresente explicitamente

elementos próprios de alguma prática religiosa, o leitor precisa ter um conhecimento prévio acerca da história de Noé narrada na bíblia para alcançar a compreensão clara de alguns acontecimentos presentes na fábula.

### 3.3. As Luvas Mágicas do Papai Noel

Partindo dos artefatos culturais do povo surdos que Strobel (2008, p. 37) define como “as peculiaridades da cultura surda”, ou seja, aquilo que é construído com base na experiência do surdo com o mundo, a obra intitulada *As Luvas Mágicas do Papai Noel* mostra, logo de início, o artefato cultural Familiar presente na relação entre o pai e o filho. Aqui não é possível identificar se a família é surda ou ouvinte, mas, pelo acesso tardio de Dion à língua de sinais, pode-se inferir que sua família era ouvinte. É importante ressaltar, no entanto, que, à medida que Dion tem contato com a língua de sinais, sua família também aprende, já o pai leu a história das *Luvas Mágicas do Papai Noel* para o filho e fez a tradução sinalizada da obra. Strobel (2008, p. 52) afirma que isso ocorre quando “um ou outro membro ouvinte de família de filho surdo resolveu se informar e aprofundar a respeito da cultura surda, procurando se comunicar e passar todas as informações para a criança surda”. Então, foi Dion que, após aprender a língua de sinais, ensinou ao pai.

Outro artefato cultural presente na obra é o Linguístico que, segundo a autora Strobel (2008, p. 44), “para o surdo ter acesso às informações e conhecimentos e para construir sua identidade é fundamental criar uma ligação como o povo surdo em que se usa a sua língua em comum: a língua de sinais. Em concordância com a fala da autora, a obra apresenta momentos de interação entre os surdos em língua de sinais e entre surdos e ouvintes também em língua de sinais.

O encontro entre surdo e ouvinte aconteceu quando o Papai Noel utilizou a língua de sinais com a ajuda das luvas mágicas para se comunicar com a criança surda, bem como para aprender a sinalizar. O pai, ao aprender e utilizar a língua de sinais para estabelecer uma comunicação com o filho, representa o artefato Linguístico, pois favorece o desenvolvimento da identidade do filho surdo.

O contato entre surdos na obra acontece no momento em que Dion usa a luva para conversar com seu amigo surdo e quando estão na praça conversando e chega Bruna. Isso revela, portanto, a importância da interação entre os pares linguísticos para que, através da língua de sinais, esses sujeitos constituam sua identidade e cultura.

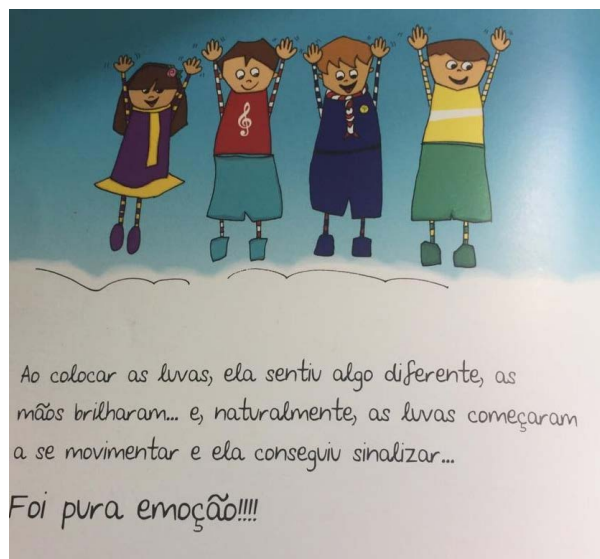
Strobel (2008) afirma que é na relação entre surdos que eles se motivam a valorizar a sua diferença cultural, construindo a identidade do diferente com orgulho e autoconfiança. Pode-se perceber que, no momento em que Dion e Bruna usam a luva e começam a sinalizar, ocorre, imediatamente, a formação e apropriação de uma identidade relacionada à aquisição da língua.

A obra das *Luvas Mágicas do Papai Noel* também possui o artefato de Vida Social e Esportiva, que, segundo Peixoto e Sousa (2018), diz respeito aos momentos que são compartilhados em grupo nos locais de encontro, ou seja, quando os surdos se reúnem para conversar e falar de suas emoções. Na obra, Dion passa a luva para Bruna e ela sente



algo diferente. Com as mãos brilhando, sinaliza “feliz” (assim como os demais surdos que expressaram felicidade), o que representa o compartilhamento das emoções em grupo.

Figura 4: Crianças aplaudindo



FONTE: Mourão (2012, p. 17)

Na imagem figura 4, é possível identificar que as crianças surdas aplaudiram Bruna quando ela realizou o sinal de feliz. O sinal que eles utilizaram para a aplaudir, com as mãos no alto girando e produzindo uma espécie de vibração visual, é resultado da construção de uma vida social que parte da experiência visual desses sujeitos.

O artefato cultural Político é representado na obra pela presença da língua sinais e da língua portuguesa, efetivando a conquista bilíngue desses sujeitos como determina os instrumentos legais. Dessa forma, a obra pode ser utilizada no processo de aquisição das línguas do surdo, pois irá favorecer a apropriação dos elementos culturais do povo surdo e o seu contato com a língua portuguesa na modalidade escrita.

Partindo-se do princípio da crença da existência do Papai Noel, tem-se, na obra, o artefato Religioso, já que ela está atrelada à igreja Católica para representação da bondade presente no período que faz referência ao nascimento humilde de Jesus Cristo. Por fim, o artefato cultural Material que, de acordo com Strobel (2008, p. 76), é resultante “da transformação da natureza pelo trabalho humano, (...) auxilia nas acessibilidades nas vidas cotidianas de sujeitos surdos”. Na obra, esse artefato é representado pela luva que se transformou nos aplicativos que ensinam língua de sinais enquanto recurso tecnológico, além da presença do intérprete de Libras que media a comunicação e promove a acessibilidade do surdo socialmente.

#### 4. Considerações finais

O presente estudo abordou, com o objetivo de identificar os artefatos culturais presentes em obras literárias escritas em português, os artefatos culturais do povo surdo



através da análise de duas Literaturas Surdas escritas pelo autor surdo Claudio Mourão: *A Fábula da Arca de Noé* e *As Luvas Mágicas do Papai Noel*. Compreende-se, então, que é importante o estudo sobre a Literatura Surda para a relevância que a cultura surda tem para essa comunidade linguística.

A intenção da pesquisa foi identificar todos os nove artefatos culturais em ambas as obras, baseando-se nos estudos de Strobel (2008) e Peixoto (2018). No entanto, de acordo com o estudo, nenhuma das obras analisadas apresenta todos artefatos e isso pode ocorrer por se tratar de obras infantis que precisam ser mais diretivas, além da grande presença de imagens ilustrativas para se comunicar diretamente com o texto escrito em língua portuguesa.

Nesse sentido, dos nove, o artefato cultural mais percebido em ambas as obras é o linguístico, uma vez que, a todo momento, a língua de sinais aparece como um elemento essencial para a construção identitária e cultural desses sujeitos em seus encontros com pares linguísticos como a família, de modo a perpassar os outros através do uso da língua de sinais.

Outro artefato presente nas duas Literaturas Surdas analisadas é o familiar, que retoma um debate sobre a necessidade de a família saber a língua de sinais, e não apenas o surdo, para que esses possam se comunicar, interagir, expressar sentimentos de forma recíproca, aconselhar, direcionar e até mesmo transmitir os valores construídos historicamente pela família.

O artefato político foi outro explorado nas duas obras, mesmo que de maneira indireta, pois não fala sobre os protestos e conquistas históricas, mas como o uso da língua de sinais, a presença do intérprete de libras e a acessibilidade através das luvas são frutos de uma história de lutas que culminou no reconhecimento da Libras como língua e do surdo como diferente.

Este estudo proporciona ratificar que as línguas podem e devem ser adquiridas pelo surdo, desde que, inicialmente, ele tenha acesso a sua primeira língua para que, após estabelecida a sua identidade enquanto sujeito de língua diferente, tenha contato com as Literaturas Visuais (adaptadas, traduzidas e criadas) e consiga aprender a sua segunda língua, o português na modalidade escrita.

## 5. Referências

ALMEIDA, WG., org. **Educação de surdos**: formação, estratégias e prática docente. Ilhéus, BA: Editus, p.197, 2015. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 08 set. 2020

BISOL, C.; SPERB, T. M. Discursos sobre a surdez: deficiência, diferença, singularidade e construção de sentido. **Psicologia: teoria e pesquisa**, Brasília, n. 26, v. 1, p. 7-13, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v26n1/a02v26n1.pdf>>. Acesso em: 11 set. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. LDB 9.394**, 20 de dezembro de 1996. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. **Resolução CNE/CEB nº 2 de 11 de setembro de 2001**. Diretrizes Curriculares para a Educação Especial na Educação Básica. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/res1\\_2.pdf](http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/res1_2.pdf). Acesso em: 12 set. 2020.

- BRASIL. **Constituição da República Federal do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
- BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília, 2002.
- BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília: MEC, 2005.
- CASTRO, Nelson. **Literatura em LSB**, vol.1, digital em DVD, LSBvídeo, Rio de Janeiro, 1999.
- FERNANDES, E. **Linguagem e Surdez**. Porto Alegre: Artmed, 2003. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE]. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/amostra/>>. Acesso em: 19 set. 2020.
- FERNANDES, Francyllayans Karla da Silva; ALVES, Edneia Oliveira; STUMPF, Marianne Rossi. A escrita de sinais como instrumento de desenvolvimento linguístico e identitário para o surdo. **Rev. Pontos de Interrogação**, v. 10, n. 1, jan.-jun., p. 175-192, 2020. Disponível em: <http://revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/issue/view/496/showToc>. Acesso em: 07 set. 2020.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo. Atlas. 2018.
- HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- KARNOPP, Lodenir Becker. **Produções culturais de surdos: análise da literatura surda**. Cadernos de Educação (UFPEL), v. 19, p. 155-174, 2010
- KLEIN, Alessandra Frazen. Mourão, Cláudio Henrique N. **As luvas Mágicas do Papai Noel**. Adaptação Cathe de Léon, Léia Cassol. Ilustração Gisele Federizzi Barcellos. Porto Alegre: Cassol, 2012. 24p.
- MOURÃO, Claudio Henrique Nunes. Adaptação e tradução em literatura surda: a produção cultural surda em língua de sinais. **IX ANPED Sul**. Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, 2012. Disponível em: [http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2012/Educacao\\_Especial/Trabalho/08\\_31\\_14\\_3009-7345-1-PB.pdf](http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2012/Educacao_Especial/Trabalho/08_31_14_3009-7345-1-PB.pdf). Acesso em: 06 abr. 2021.
- MOURÃO, Claudio Henrique Nunes. **A fábula da Arca de Noé**. Ilustrações de Cathe de Léon. Porto Alegre: Cassol, 2014. 24p.
- PEIXOTO, Janaina. Aguiar. **O registro da beleza nas mãos: a tradição de produções poéticas em língua de sinais no Brasil**. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2016.
- PEIXOTO, Janaina. Aguiar. **Ensino de Literatura para Surdos**. João Pessoa: IFPB, 2020 (no prelo).

PORTO, Shirley Barbosa das Neves. **De poesia, muitas vozes, alguns sinais**: vivências e descobertas na apreciação e leitura de poemas por surdos. Dissertação (Mestrado Linguagem e Ensino). Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande, 2007.

PORTO, Shirley Barbosa das Neves; PEIXOTO, J. A. **Literatura Visual**. In Faria, E.M.B. Língua Portuguesa: Teorias e Prática. João Pessoa. Editora Universitária da UFPB, 2011.

POSSEBON, Fabricio; PEIXOTO, Janaina A. A heterogeneidade nas produções literárias da comunidade surda Brasileira. In: PEIXOTO, J. A. VIEIRA, M. R. **Artefatos culturais do povo surdo**: discussões e reflexões. João Pessoa. Sal da Terra, 2018.

POSSEBON, Fabricio; PEIXOTO, Janaina A. O 9º artefato cultural: religioso. In: PEIXOTO, J. A. VIEIRA, M. R. **Artefatos culturais do povo surdo**: discussões e reflexões. João Pessoa. Sal da Terra, 2018.

PRATES, Magno Prado G. PEIXOTO, Janaína A. A comunidade Surda e a política: avanços na Bahia. In: PEIXOTO, J. A. VIEIRA, M. R. **Artefatos culturais do povo surdo**: discussões e reflexões. João Pessoa. Sal da Terra, 2018.

SOUSA, Lígio J. G. PEIXOTO, Janaina A. Evidências da cultura surda na obra Switched At Birth. In: PEIXOTO, J. A. VIEIRA, M. R. **Artefatos culturais do povo surdo**: discussões e reflexões. João Pessoa. Sal da Terra, 2018.

SILVA, C.M., Silva, D.N.H., & Silva, R.C. **Inclusão e processos de escolarização**: narrativas de surdos sobre estratégias pedagógicas docentes. Psicologia em Estudo, 2014. P. 261-271.

STUMPF, Mariane Rossi. Mudanças estruturais para uma inclusão ética. In: QUADROS, Ronice. **Estudos Surdos III**. Petrópolis: Arara Azul, 2008. p. 14 - 29.

STROBEL, Karin. **As Imagens do Outro Sobre a Cultura Surda**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2008.

STROBEL, K. **História da Educação de Surdos**. 2009. Disponível em: [www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica](http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica). Acesso em: 3 out. 2020.